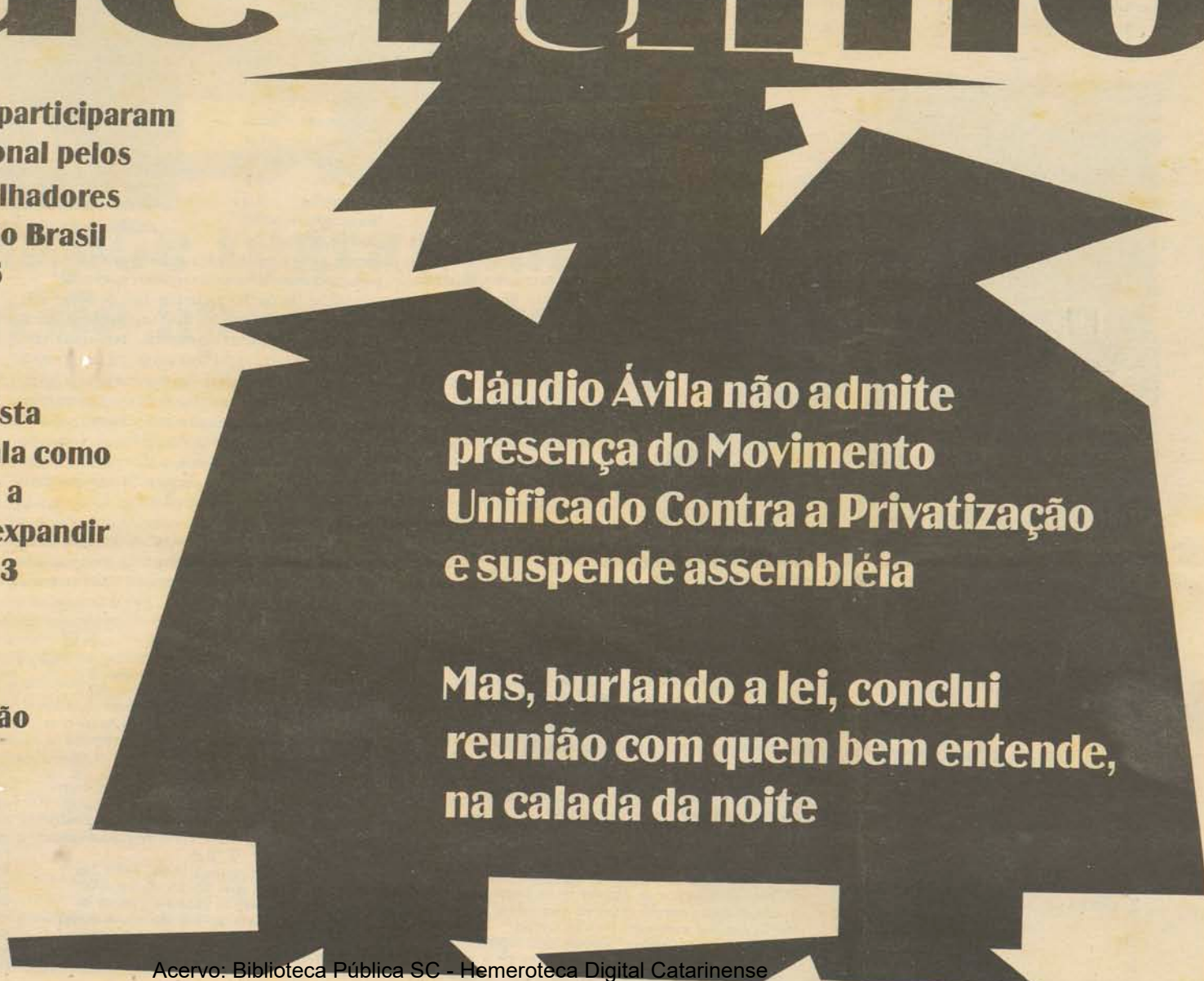


Mudança de rumo



ASSEMBLÉIA DE CISÃO DA ELETROSUL



Eletricitários que participaram da Caravana Nacional pelos Direitos dos Trabalhadores contam detalhes do Brasil Real, páginas 4 e 5



Galbraith, economista norte-americano fala como os EUA inventaram a globalização para expandir sua economia, pág 3

Cláudio Ávila não admite presença do Movimento Unificado Contra a Privatização e suspende assembléia



Como fica a situação do empregado já aposentado na Eletrosul, pág 3

Mas, burlando a lei, conclui reunião com quem bem entende, na calada da noite

Movimento unificado intimida Ávila

ELETRICITÁRIO É MEU AMIGO, MEXEU COM ELE, MEXEU COMIGO! Este grito de solidariedade ecoou nos corredores da Eletrosul na última segunda-feira, quando numa ação pacífica, com cerca de 50 pessoas, representantes de diversas categorias de profissionais filiadas à CUT (eletricitários, bancários, servidores públicos, dos correios, de água e esgoto, da educação entre outros), MST e do Movimento Negro Unificado manifestaram sua posição contrária à privatização na Assembleia dos acionistas que iria justificar a cisão da empresa (geração/transmissão). É uma prova concreta de que a solidariedade que possibilitou a unificação da Campanha Contra a Privatização, tornou-se ainda mais forte, a ponto de enfrentar a

prepotência de Cláudio Ávila e permanecer ali o tempo necessário para se fazer ouvir.

A entrada pacífica na sala de reuniões da presidência aconteceu cerca de cinco minutos depois do início da assembleia, que já começou com 35 minutos de atraso devido à burocracia para permitir a participação dos dois acionistas minoritários, Sinergia e Aprosul (Associação dos Profissionais da Eletrosul), representados por Arno Veiga Cugnier e Aldo Ferrari. Além deles estavam presentes os acionistas representando a Eletrosul, Celesc, Eletrobrás e particulares.

Desde o início da Campanha Contra a Privatização, sabe-se que só é possível reverter o processo com pressão política, já que juridicamente, a

Eletrobrás detém 99,7% das ações. Isso significa que, se a assembleia continuasse, mesmo que apenas o representante da holding votasse pela cisão, já seria fato consumado. Depois da assembleia suspensa pelo próprio Cláudio Ávila, enquanto alguns sindicalistas permaneceram na sala de reunião, outros saíram pelos corredores conclamando os trabalhadores da Eletrosul para a importância do fato e da presença de outras categorias nesta luta, que não é mais eletricitária mas unificada. Os outros acionistas permaneceram trancafiados na sala da presidência, exceto o presidente da Celesc Eduardo Pinho Moreira, que foi embora.

E assim passou a tarde, entrou a noite até que,

às 23h20 um oficial de justiça trouxe uma ordem judicial para que o Sinergia desocupasse imediatamente o local. Mais uma prova que o nervosismo partia do Sr. Cláudio Ávila, não do Movimento Unificado. Duplo engano judicial: primeiro que o representante do Sinergia estava ali, como os demais acionistas, esperando a assembleia ser reiniciada; segundo, que a ordem era dirigida ao Sinergia e não aos outros 34

sindicatos e entidades representadas. Era preciso modificar a ordem judicial.

De acordo com a lei 6.404/76, depois de iniciada, a assembleia tem prazo até às 24 horas do mesmo dia para terminar. Passado este prazo Sinergia e Aprosul apresentaram à diretoria da empresa um requerimento, solicitando a cópia da ata, direito que a legislação lhes garante. Requerimento aceito e protocolado, a diretoria recusou-se a repassar a cópia da ata alegando que seria publicada no Diário da União.

Assegurados pela lei, de que a assembleia estava encerrada sem nada deliberar, os manifestantes deixaram o prédio com os representantes do



assinatura do requerimento, às 0h20 de 18/11

Sinergia e Aprosul.

O APOIO PARLAMENTAR

Desde o início da Campanha, alguns parlamentares sempre foram sensíveis à esta causa e, neste último episódio não foi diferente. Fizeram-se presentes nesta segunda na Eletrosul os deputados estaduais Ideli Salvati e Idelvino Furlaneto do PT e Lício Mauro da Silveira e Gilson dos Santos do PPB, o deputado federal Vanio dos Santos (PT), os vereadores da Capital, Lia Kleine (PC do B) e Mauro Passos (PT) e a presidente do Partido dos Trabalhadores em SC, Luci Choinaski.



tribuna
livre

O poder da telinha

Cláudio A. Ehrensperger
diretor do Sinergia

Você entra em casa e a primeira coisa que faz é ligar a televisão? Dispensa a companhia da família para engolir a comida em frente à TV? Ou só responde "ah" para os filhos quando está assistindo ao telejornal? Ou ainda, vara a madrugada com um olho aberto e outro fechado procurando programação em todos os canais? Cuidado! Você pode estar sofrendo de teledependência. É uma droga!

Neste estágio o sujeito é capaz de descarregar a raiva que tem do chefe prepotente numa simples cena de filme ou novela onde uma personagem "viva" uma situação parecida com a sua e dê um tiro no

chefe, ou simplesmente mande o calhorda à merda. É um perigo. Emoção virtual. Já é um fantoche, um alvo fácil para o mau político, para a propaganda enganosa, para todo tipo de poluição sonora e visual que infesta as estações de televisão. É aquele que acredita que o povo tem que fazer a sua cota de sacrifício a cada pacote econômico jogado pelo governo. Resumindo, um verdadeiro otário.

Mas não fique triste, isto tem remédio. Como em todo vício ou doença, o primeiro passo para a cura é conscientizar-se de que está doente. Sobre este vício um bom começo é perguntar-se se você não

está ferido na sua sensibilidade e na sua liberdade. Você pode fazer isto dando uma caminhada, só ou acompanhado, sempre olhando à sua volta e procurando fazer contato com o mundo real. Quando chegar em casa, resista. Primeiro comunique-se com a família, alimente-se, fique confortável. Se mora só, uma boa opção é ler um bom livro, uma revista, ouvir música. Se você conseguir resistir a primeira vez, verá o quanto é bom voltar a viver a sua vida. É claro que poderá voltar a sentar-se em frente à TV. Mas aí a relação vai ser outra. Não será ela que vai exercer poder sobre você e sim você que exercerá poder sobre ela.

Mas na calada da noite...

Para a realização de outra assembléia, a Eletrosul deveria percorrer os trâmites legais, como publicação de edital, obediência a prazos etc, o que deveria atrasar o processo em mais ou menos um mês. Mas, surpreendentemente, uma notícia nos jornais de 19/11, levam a crer que, na calada da noite, Ávila burlou a lei e, sem convocar todos os acionistas, concluiu a assembléia. O representante da Eletrobrás, que é a detentora de 99,7% votou a favor da proposta de FHC, pela cisão da empresa. Também aprovaram a contratação da empresa de consultoria Arthur Andersen, de São Paulo para avaliação do preço mínimo.

O Sinergia e a Aprosul, acionistas minoritários, vão entrar com ação na justiça pedindo a anulação da assembléia que, legalmente, não poderia ter sido realizada depois das 24 horas do dia 17/11.

Eletrosul impõe regras para a demissão de aposentados

Os empregados já aposentados, que não estão inscritos no Plano de Demissão Incentivada, estão sendo desligados sem aviso prévio e multa rescisória desde ontem, dia 20. Aqueles que estão inscritos no PDI serão desligados respeitando o cronograma até dia 31 de dezembro deste ano. Quanto aos empregados que vierem a se aposentar sem estar inscritos no PDI, terão que solicitar sua demissão antes do recebimento do 1º pagamento da aposentadoria. Já aqueles que não estão aposentados por causa do atraso da concessão do SB-40, caso ele não saia até dia 31/12, terão que optar pelo cancelamento da saída, perdendo o direito ao PDI ou manter o desligamento na data estabelecida quando da assinatura do plano de demissão incentivada. Com relação às dívidas de financiamento médico, o empregado terá que saldá-las no ato da rescisão, não havendo qualquer parcelamento.

Estas foram as imposições da Eletrosul sobre a demissão dos empregados aposentados, não aceitando nenhuma das propostas da Intersul para parcelamento de dívidas médicas em até 14 meses e que o desligamento no PDI se desse após confirmada a aposentadoria do INSS, já que os processos levam em média 30 dias.

Na reunião que aconteceu na tumultuada segunda-feira, dia 17, a empresa deixou claro que não levará em consideração a situação dos empregados que estiverem no "buraco negro" da Elos, e continuará com as demissões obedecendo o pacote do gover-

no. Os sindicatos vão entrar com ação competente contra a Elos para garantir o benefício àqueles que tiverem a complementação de aposentadoria reduzida por estarem nesta situação. Em meio ao processo para acelerar a privatização da empresa, a diretoria não pensou em como resolver os problemas do Plano de Saúde - Elosaúde. A Intersul propôs que os empregados desligados ficassem cobertos pelo plano até completar a carência, a exemplo do 1º PDI. Mais uma vez, pedido negado.

Com relação à falta de pessoal nas usinas e subestações, a empresa vai resolver, contratando empregados. "É uma contradição absurda", afirma José Nazareno Corrêa, diretor do Sintresc. Mesmo depois de realizar concurso público, a Eletrosul apóia-se na resolução 14 de 28/10/97 do Conselho de Coordenação e Controle das Empresas Estatais, para proibir novas admissões bem como proceder novos concursos.

A Intersul é contra a decisão de demitir aposentados, como qualquer outro tipo de demissão e vai agir prática e juridicamente sobre essa questão. "A empresa quer demitir seus empregados sem oferecer qualquer assistência ao aposentado", finaliza Nazareno.

ACT 97/98

Ainda não aconteceu a primeira rodada de negociação das cláusulas específicas porque a empresa ficou de "agendar" uma data, provavelmente na próxima semana. A Eletrosul é a única do grupo que ainda não iniciou o processo de negociação.

Galbraith: "globalização não é um conceito sério"

"Globalização não é um conceito sério. Nós, americanos, o inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países. E para tornar respeitáveis os movimentos especulativos do capital, que sempre são causa de graves problemas", afirmou o economista norte-americano John Galbraith, discípulo de Keynes e colaborador do governo Kennedy.

"Globalização é uma palavra que se tornou moda entre pessoas que não têm mais no que pensar". Não pode ser global um sistema que exclui da prosperidade cerca de dois terços da humanidade inteira, denunciou.

O economista de 89 anos e que presenciou o crack de 1929, advertiu sobre o abismo cada vez maior entre a economia real e a agiotagem internacional. "Essa crise não tem muito a ver com a economia. A especulação na bolsa de Nova York tem uma existência própria, não leva em conta a situação econômica". "Os preços das ações sobem, as pessoas ficam atraídas por isso, querem ganhar dinheiro. Então os preços crescem mais, justificando as expectativas dos investidores. Esse processo acontece sem que haja relação entre os preços das ações e a economia, até o dia de um grande crash, ou uma grande crise. Então, todas as pessoas que estavam no mercado acionário tentam achar uma explicação racional para a crise."

Para Galbraith, "a crise na Ásia foi uma desculpa, engatilhou uma crise que, mais dia menos dia aconteceria. Via de regra, uma crise na Ásia significa um deslocamento maciço de capitais para Wall Street, que para os estrangeiros representa um refúgio". Ele reiterou, no entanto, que "a Malásia e alguns outros tigres asiáticos têm de fazer o seu próprio ato de contrição: adotaram o nosso modelo financeiro sem ao menos terem os nossos meios".

Para Galbraith, a tormenta ainda não cessou: ele advertiu que "as cotações permanecem superestimadas, mesmo depois das perdas dos últimos dias". Ele previu que as corporações norte-americanas e japonesas vão sofrer queda de lucro, haverá redução de investimentos e deflação. O que o leva a crer que "os anos de vacas gordas estão acabando. É a lição do crash de 87: depois vieram os anos de vacas magras".

Texto publicado no jornal diário paulista *Hora do Povo*, de 5/11/97

expediente

LINHA VIVA é uma publicação da Intersindical dos Eletricistas de SC. Jornalistas Responsáveis: Marli Cristina Scomazzon (DRT/RS4966) e Alessandra Mathyas (SC 00755 JP). Ilustrações: Frank Maia. Diretoria de Imprensa: Olga Leocádia Vieira. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC, CEP 88015-030 Fone (048)224-9114 Fax 224-9104 e-mail: sinergia@matrix.com.br

CARAVANA REVELA O BRASIL REAL

Além de um ato político contra o governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, a Caravana Nacional pelos Direitos dos Trabalhadores, organizada pela CUT e realizada de 7 a 12/11, foi uma oportunidade ímpar para os que dela participaram.

Distantes da "acomodação" e das atribuições de nossas rotinas diárias, pudemos voltar totalmente nossos olhos e mentes para a situação política do País e suas graves consequências, e trouxemos registros contundentes do Brasil real, uma amostra das profundas feridas que o neoliberalismo e a globalização estão abrindo num país onde as desigualdades sociais e regionais já se constituíam em grave problema social e econômico.

Foram oito dias e quase cinco mil quilômetros cortando cinco estados, até chegarmos em Brasília.

Sem dúvida, o Brasil é um país privilegiado pela natureza e pela qualidade do seu povo. É um país com incalculáveis possibilidades de desenvolvimento que deveriam reverter em benefícios para toda a população. Mas que está doente em função das políticas de concentração de renda e de devastação do meio ambiente aplicadas em sucessivos governos. Passando por grandes e pequenas cidades, observando a paisagem ao longo das rodovias, percebe-se as diferenças regionais e sociais, é flagrante o contraste da riqueza com a extrema miséria. É um dos mais gritantes é a vastidão de terras sem produção num país onde tanta gente é massacrada na luta pela reforma agrária. Terra limpa até onde a vista alcança num país onde se morre de fome e se importa alimentos.

Largo do Paissandu, São Paulo, dia 09/11, tarde de domingo, cinco pessoas dormiam na grama quase mato que circunda a velha Igreja de Nossa Senhora da Mãe Preta.

Clarindo José de Souza, 51 anos, há muito tempo perdeu o último emprego e trabalha informalmente na banca do irmão, de onde sai o sustento de duas famílias e onde se encontra todo tipo de raízes e ervas. Sobre os mendigos, diz Clarindo: "Isto não é nada. Precisam vir aqui ali pelas seis horas da manhã. É a hora que eles acordam. Por último, são uns trinta, quarenta, mas o número aumenta a cada dia. Alguns trabalham mas não tem mais onde morar." Do comércio local, Clarindo fala que o movimento caiu perto de 40%, mesmo a prefeitura tendo expulsado todos os camelôs da Praça da Sé. "Não sei como está vivendo toda aquela gente", conclui.

Praça dos Três Poderes, Brasília, dia 12, centenas de vendedores ambulantes circulam entre os partici-

pantes do ato público, oferecendo desde água mineral até semi-jóias confeccionadas com pedras da região. Em comum, o desemprego, o trabalho informal e a incerteza do amanhã.

Manoel Barbosa é um pernambucano de 54 anos que trabalhava na construção civil. "Cheguei em Brasília em 1968. Ajudei a construir esta cidade. Perdi meu emprego no início do Plano Real e nunca mais consegui achar outro", fala com tristeza, acrescentando que tem esposa e quatro filhos. A família sobrevive miseravelmente da venda de balas de coco confeccionadas por sua mulher, e que ele vende pelas ruas da capital. Sobre o governo de FHC, "Péssimo, muito ruim mesmo. Tá causando muito desemprego."

Manoel é um exemplo do que pode acontecer com qualquer cidadão assalariado que perde o emprego antes de se aposentar. "Acho que não consigo mais emprego por causa da idade", acrescenta Manoel.

Mas, bem próximo a ele estava José Ribeiro Barbosa, 31 anos, desempregado há nove meses, vendendo água mineral e cerveja. E muitos outros, na situação de ambos, desde crianças que ajudam no sustento da casa, desempregados, até velhos que não conseguem sobreviver com o salário da aposentadoria.

Aliás, ao largo de grandes extensões de rodovias, em pequenas, médias e grandes cidades, o trabalho informal de adultos e o trabalho infantil dão a dimensão do nível de pobreza e miséria a que está submetida grande parte do povo brasileiro. Nas rodovias, crianças pequenas circulam entre carros em movimento, oferecendo água, suco de laranja e tantos outros produtos, convivendo diariamente com o perigo. Roda-se quilômetros e quando menos se espera lá está na beira do caminho um menino oferecendo um suco de laranja gelado, denunciando que por trás dele há a infraestrutura de uma empresa organizada explorando o trabalho infantil.

Em Paracatuzinho, Goiás, vive Joel Gomes dos Santos, 13 anos, aparentando 9. Joel trabalha como engraxate, mas contou que foi retirado da escola por um irmão mais velho, e mandado para uma fazenda para trabalhar na roça. "Eu não dava conta do serviço e aí meu patrão me bateu com um chicote de amansar burro. Daí eu fugi e mandei a polícia pra ele", fala Joel, com tristeza e determinação, e acrescenta: "Agora eu trabalho de

engraxate pra ajudar minha mãe. (...) Meu sonho é voltar pra escola. Ano que vem eu volto". Ao ser perguntado se sabia que valia muito, que era uma pessoa muito importante, seus olhos encheram-se de lágrimas e seus braços abriram-se e fecharam-se num emocionado abraço.

O grande número de aposentados que integravam a caravana só não tinham em comum com Joel a idade. A disposição de luta e a esperança fazem olhar os olhos de Messias do Nascimento, 68 anos, aposentado há 7, que viajou de ônibus do Rio de Janeiro até Brasília, onde desfilou fantasiado de muita crítica e bom humor. De FHC, disse: "Péssimo, horrível. A mim ele não enganou com aquelas palavras bonitas. Enganou os incautos. Este governo é uma ditadura pior que a ditadura militar." Para melhorar a situação do país ele receita: "Muita mobilização, muito protesto, muita luta."

Themístocles Mattos Nogueira é um paulistano de 92 anos que há muito tempo reside no Rio de Janeiro. É servidor público federal aposentado há 30 anos. Num misto de mágoa e indignação, Themístocles dá sua opinião a respeito do governo FHC: "Péssimo, antibrasileiro, anti-humano. Tira daqueles que não têm para dar àqueles que já tem demais. Eu votei em Fernando Henrique porque acreditei nele, no seu passado de esquerda, na sua inteligência. Mas agora eu quero vê-lo fora da política brasileira. Ele é um mentiroso. Ele é maquiavélico."

No meio dos aposentados encontramos Valdemar Bianco, 54 anos e Hedens Ferreira Ramos, 74, ambos eletricitários

aposentados da Light.

Valdemar e Hedens consideram indispensável a união dos trabalhadores aposentados aos trabalhadores da ativa. Sobre a Light falaram que está muito ruim. Que os novos donos continuam demitindo muita gente e terceirizando os serviços, o que reflete na queda da qualidade do atendimento.

Mandam uma mensagem aos aposentados de Santa Catarina: "Estamos aposentados mas o nosso trabalho não acabou. Continua o nosso trabalho na luta de todos".

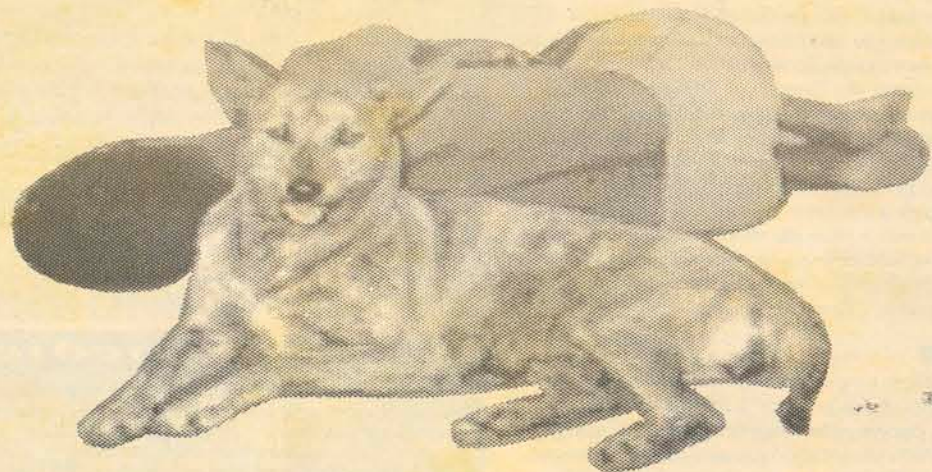
Diante de tantas contradições, o ser humano, o cidadão, não pode perder nunca a capacidade de indignar-se, não pode nunca esmorecer e refugiar-se na famosa frase "Ah! as coisas são assim mesmo". Antes, precisa abrir seu coração e mente na busca de uma nova sociedade, onde o ser prevaleça sobre o ter, de uma alternativa onde a essência do homem seja a tônica das relações entre seres e nações.

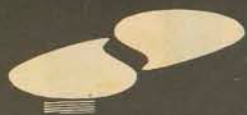


No entanto, para que isto se torne realidade, é necessário que cada um se vista deste sonho com coragem e determinação. É necessária muita organização e solidariedade. Isto mostrou-se evidente nesta caravana que, por onde passou, foi saudada pela população e distribuiu centelhas de esperança pelo Brasil afora. Ficou também demonstrada na caminhada dos sem-terra em 17 abril e nas manifestações conjuntas do MST e CUT no último 7 de setembro.

É hora de auto-crítica, crítica e ação. É hora de unir forças rumo à construção de uma nova sociedade. Esta é a árdua e compensadora tarefa de todos aqueles que acreditam que sonhar é possível e realizar o sonho, indispensável.

**Olga Leocádia Vieira,
Aldo Pedro Ferrari e
Clênio Braganholo**
Diretores do Sinergia





DEBATE

Na próxima segunda-feira, dia 24, às 19 horas, acontece um debate no auditório do CSE/UFSC sobre O IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO MUNDO - O MUNDO DO TRABALHO HOJE. O palestrante é o sociólogo francês Guy Aznar e a atividade é aberta ao público.

CPFL I

Os empregados da CPFL, privatizada há poucos dias, desistiram de comprar ações da empresa porque o Banco do Brasil exige a comprovação de bens como garantia para financiamento. A orientação é do Clube de Investimentos dos empregados da CPFL. Com a queda nas bolsas as ações não valem mais como garantia para financiamento. Agora o presidente do clube da CPFL desespera-se e questiona: "Quem vai dar um carro pelas ações?"

CPFL II

Além disso, a primeira consequência da venda da estatal já foi anunciada nos principais jornais do país: até dezembro, o efetivo da empresa passará de 6.300 empregados para 5.700. Mais 600 eletricitários paulistas estarão desempregados, vítimas da política privatista...

ATINGIDOS

Os agricultores atingidos pelas barragens de Itá e Machadinho terão que respeitar a faixa ciliar de 100 metros, mesmo a Eletrosul tendo indenizado apenas 30. Eles obedecem a exigência do Ibama (100 metros), mas a empresa não. A estatal considera os 70 metros restantes como área livre para utilização com lavouras. Isso sem falar nas edificações que ficam nessa área. O Ibama afirma que elas deverão ser relocadas em dois anos e não poderá ser construída qualquer outra obra nesta faixa. Mesmo com o parecer do órgão competente, a diretoria da Eletrosul não está nenhum pouco preocupada com o futuro dos agricultores que fizeram sua vida nestes locais e vivem agora sem perspectiva de futuro.

CRH/CELESC

Em reunião na última terça-feira, dia 18, Intercel e Celesc formaram uma comissão com três representantes de cada parte para a revisão dos processos pendentes do plano de cargos e salários. A previsão para o término dos trabalhos é dia 3 de dezembro.

PREVIDÊNCIA

Dia 26, próxima quarta-feira, às 7h30, Hélio Coimbra, diretor do Sinergia, estará no auditório da Agência Regional de Florianópolis fazer uma palestra sobre Reforma da Previdência - Tire suas Dúvidas.

CÂMARA FEDERAL

A Subcomissão de Energia da Câmara Federal continua ouvindo os responsáveis pela privatização do setor elétrico. Na próxima terça-feira, dia 25, às 14 horas, interrogará o presidente do BNDES e na quarta, dia 26, é a vez do Ministro do Planejamento, Antônio Kandir. O Sinergia estará presente nestes depoimentos.

FGTS

Mais uma vez informamos que a CUT entrou com ação coletiva para reposição do FGTS, perdido com os Planos de Verão e Collor. Todos os associados a sindicatos filiados à Central estão sendo assistidos. A diferença é que o trabalhador não gastará com honorários advocatícios.

Debate em Blumenau

O curso de sociologia da FURB promoveu um debate no dia 12 que lotou o anfiteatro do Bloco T, com 180 alunos. O tema foi Globalização econômica, privatização e tercerização de mão de obra.

Participaram do debate o Sintevi, a Associação Comercial e Industrial de Blumenau e a entidade que congrega as associações de moradores da cidade. A prefeitura também foi convidada mas não marcou presença. Os universitários mostraram-se bastante preocupados com os danos que a política de globalização, privatização e tercerização trazem à sociedade, agravando os problemas sociais. A discussão não pára aqui. Os estudantes ficaram tão motivados que já firmaram o compromisso de um outro debate, ampliando a discussão para outros cursos da universidade.

STF suspende MP da aposentadoria rural

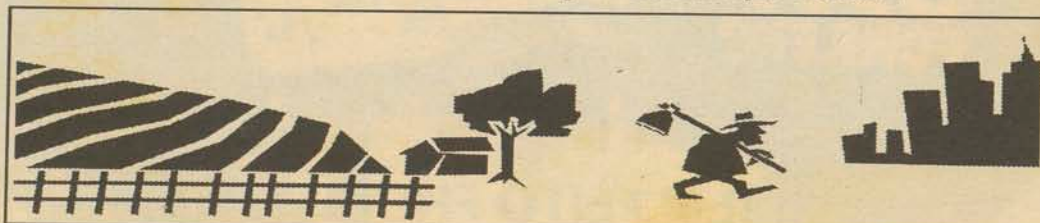
O Supremo Tribunal Federal concedeu liminar favorável aos Partidos do Bloco de Oposição (PT/PDT/PC do B) na Ação Declaratória de Inconstitucionalidade (ADIN) nº 1664 contra a medida provisória que restringia o uso do tempo de serviço rural para fins de aposentadoria urbana.

Por meio desta ação, a oposição questiona a constitucionalidade da MP 1523/96. Essas alterações trouxeram graves prejuízos aos trabalhadores urbanos que, tendo exercido atividades no meio rural, eram impedidos de computar esse tempo de serviço, a menos que comprovasse o recolhimento da contri-

buição correspondente.

Na prática, a MP impedia que ex-trabalhadores rurais pudessem obter uma aposentadoria superior ao salário mínimo (R\$ 120,00). Também foi suspenso artigo que proibia o acúmulo de aposentadorias de regimes previdenciários distintos.

Esta é uma vitória concreta do bloco da oposição. O deputado federal catarinense Vania dos Santos (PT) comemorou a decisão do STF e acusa: "o governo FHC abusa do recurso autoritário da medida provisória para atingir direitos consagrados pela Constituição Federal".



Lula e Brizola conhecem Campanha

Nesta sexta-feira, dia 21, o Movimento Unificado Contra a Privatização vai apresentar aos líderes nacionais Lula e Brizola, o trabalho desenvolvido em Santa Catarina contra a venda das estatais Celes, Besc, Casan e Eletrosul. Eles chegam em Florianópolis por volta das 14 horas e vão falar do Projeto Popular para o Brasil.

Mas antes da chegada de Lula e Brizola, já estará acontecendo, na Assembleia Legislativa, desde às 9 horas, outros debates, dentro do Seminário Estadual da Frente Popular (PT, PDT, PPS, PSB, PCB, PV e PC do B). Os prefeitos de Lages, Décio Ribeiro (PDT), de Blumenau, Décio Lima (PT) e vice-prefeito de Chapecó, Nemésio da Silva (PPS) vão falar das alternativas

populares de administração municipal. Outro assunto será o novo modelo de desenvolvimento social e econômico para Santa Catarina, com a participação do deputado federal pelo PT, Milton Mendes, o presidente do PV, Rogério Portanova, e os ex-prefeitos de Florianópolis e Lages, Sérgio Grando e Fernando Agostini, respectivamente.

Lula, Brizola, Beto Albuquerque (PSB), Renato Rabelo (PC do B) e Augusto de Carvalho (PPS) discutirão o Projeto Popular para o Brasil.

Depois do encontro, às 17 horas, a bancada municipal do Partido dos Trabalhadores vai promover a "tainhada", na esquina do Ponto Chic. Será uma atividade alusiva à CPI da Tainha onde Lula e Brizola também estarão presentes.

Por que somos contra?

O debate que aconteceu na semana passada em Capivari de Baixo reuniu mais de 120 pessoas no auditório do Sintresc e sensibilizou todos os presentes na luta contra a privatização da Celesc e Eletrosul. O LV selecionou algumas afirmações, comentários, e mesmo depoimentos pessoais com o posicionamento unânime contra a privatização.

"Palavras do presidente da Chief durante reunião na comissão de Minas e Energia da Câmara Federal: a empresa é um patrimônio do Nordeste e tem um compromisso com a água do nordestino. Este também é o posicionamento do presidente da Cemig, que deixou claro que não quer vender a empresa. Se a Eletrosul for vendida, SC perderá R\$ 62 milhões por ano". Mauro Passos, diretor do Sinergia

"É uma falta de respeito e caráter de quem está à frente tentando privatizar o patrimônio público para fazer política. Sempre fui e sempre serei contra esta política porque é um atentado ao povo." Presidente da Câmara de Capivari, Nélcio Zapeline - PPB



Vasco Manoel

Vasco Manoel da Silva, vereador de Tubarão - PTB, representando o presidente da casa

"A Eletrosul transformou Capivari na capital da termelétrica. Se ela for vendida vai aumen-

tar o desemprego de toda a região sul do Estado e nós não teremos receita, mas aumento de problemas sociais" Luiz Carlos Brunel Alves, prefeito de Capivari, PMDB

"Durante a campanha eleitoral para governo do Estado em 94, este era o posicionamento dos quatro candidatos, de acordo com o Jornal da Celesc: Ângela Amin, não à privatização; Jorge Bornhausen, não há lugar para a privatização; Wedekin, o setor elétrico não é privatizável; Paulo Afonso, sou contrário à privatização. E agora? A Celesc deu um lucro líquido no 1º semestre de 97 de R\$ 33,9 milhões. Por isso precisamos ter a consciência



Joel Machado

de que as empresas estatais não são acessórios", Joel Florentino Machado, vereador de Capivari - PPB (eletricista da Celesc)



Brunel

"Não dá para entender: o presidente fez-se um socialista e hoje é um neoliberal do demônio! Nós sabemos que temos

que mudar o nosso modelo de empresa pública, mas esta é uma questão do governo com a empresa", Deputado Estadual Lício Mauro da Silveira (PPB)

"A filosofia da privatização é criminosa. Isto é um caso de polícia e virou a República dos Banqueiros. Estamos enfrentando a maior crise desde 1929. Não existe estabilidade econômica quando não há estabilidade social. FHC iniciou seu governo com um déficit de R\$ 60 bilhões, hoje ultrapassa os R\$180 bilhões", Deputado Federal Vanio dos Santos (PT)

"Temos um governo irresponsável e inconsequente, que chantagia a população alegando só pagar o 13º se vender as estatais",

Juares Ponticeli, vereador de Tubarão - PPB

"Depois da privatização da RFFSA, metade dos funcionários foram demitidos. Abram o olho, o que fizeram conosco é o mesmo que vão fazer com vocês", Joel Cabral, Sindicato dos Ferroviários



Joel Cabral

AGENDA DA CAMPANHA

21
de
novembro
sexta

14 horas
Apresentação da Campanha para Lula, Brizola e outros políticos de projeção nacional durante o Seminário Estadual da Frente Popular

24
de
novembro
segunda

14 horas
Reunião do Movimento Unificado contra a Privatização e Comitê pela Reforma Agrária, no Sinergia.

25
de
novembro
terça

de manhã
O Sinergia vai apresentar a Campanha Contra a Privatização aos participantes do 1º Encontro de Formadores da CUT

14 horas
Reunião do Fórum Parlamentar Catarinense, em Brasília

CELESC E ELETROSUL
O POVO
CONTRA A PRIVATIZAÇÃO

27
de
novembro
quinta

18h15
Reunião da Defesa do Consumidor Organizado, no Restaurante Tritão

“Precisamos alfabetizar o povo brasileiro”

Fábio Lucas, natural de Esmeraldas, Minas Gerais, reside atualmente em São Paulo e é o Presidente da União Brasileira de Escritores pelo quarto mandato. Também é membro das Academias Mineira e Paulista de Letras, espaço merecidamente conquistado com seus 31 livros publicados e outros quatro já encaminhados, a maioria de ensaios, mas alguns também de romances. Uma de suas mais recentes obras com excelente aceitação é *A mais bela história do mundo*, pela Editora Global, livro que faz parte da *Coleção Jovens Inteligentes*. E ele tem conhecimento para falar de juventude, política, cultura: foi professor em cinco universidades brasileiras, oito americanas e lecionou ainda em dois centros culturais de Portugal. Fábio Lucas esteve em Florianópolis na última semana por ocasião do 2º Encontro de Escritores Catarinenses, que reuniu os maiores expoentes da literatura do Estado. Entre a apresentação de um trabalho e outro, concedeu esta entrevista ao IV.

LV - Que tipo de trabalho a União Brasileira de Escritores faz?

Fábio - Ela tem um trabalho que já dura 50 anos. É a continuidade de uma instituição que se chamava Associação Brasileira de Escritores e que ficou prejudicada com a ditadura e a proibição do Partido Comunista. Então ela e outra entidade, a Associação Paulista de Escritores formaram uma só, que é a que hoje presido. Esse modelo espalhou-se pelo Brasil para que os escritores formassem uma federação. Ela tem duas finalidades básicas: a defesa da liberdade, porque a censura é a morte de um escritor, e a defesa pelos interesses profissionais, como os direitos autorais.

LV - O Brasil não tem uma tradição literária, pesquisas comprovam que o brasileiro lê pouco. Além disso hoje não se ouve mais falar de grandes expoentes da literatura. Como é que fica a concorrência com as novas formas de cultura? É possível reverter ou resgatar o gosto pela leitura?

Fábio - De uns tempos pra cá o sistema literário brasileiro entrou em erosão. Até o Modernismo havia uma disputa literária ou exaltação dos companheiros, por exemplo, Manuel Bandeira e Drummond fizeram livros só de dedicatórias. As pessoas se comunicavam literariamente. Hoje os escritores falam só de si. A parte narcísica está muito alta, são estrelas únicas da sua constelação. Mas de outro lado, com relação ao consumo do livro, eu percebo que tem melhorado. O sistema foi descentralizado porque publica-se muito embora exista a dificuldade de ultrapassar as fronteiras estaduais. A verdade é que as nossas instituições estão depreciadas pela indústria cultural. Os grandes órgãos da imprensa praticamente baniram a literatura de suas páginas. Antigamente todos os jornais tinham o seu suplemento literário. Hoje cultura é quase sempre entendida como espetáculo, objeto cultural que

que o escritor precisa sobreviver.

LV - A maioria dos escritores hoje o são mais como hobby do que profissão ...

Fábio - É, como uma opção, uma alternativa prazerosa.

LV - O custo do livro não é baixo. Quais seriam as soluções para democratizar o acesso ao livro para quem não tem poder aquisitivo?

Fábio - Nós precisamos, primeiro, ter bibliotecas em todas as cidades e segundo ter público leitor. A cultura brasileira precisa ser revertida para que ela fique mais voltada ao consumo de matéria escrita. E isso só é possível através do ensino de 1º grau. Nós precisamos alfabetizar o povo brasileiro, trazendo condições para que as pessoas brotem dentro de si mesmas. Um governo que se empenhasse só pra isso entraria para a história do Brasil. Imagine um governo que con-

“A privatização é uma mensagem vazia”.

servasse tudo como está e só investisse no ensino. Onde em qualquer lugar, por mais longínquo no país, num galpão ou lugar qualquer onde o professor tivesse condições de dar sua aula, onde as crianças teriam noções de higiene, tivessem merenda escolar porque de estômago vazio ninguém aprende nada e fossem realmente alfabetizadas.

“A censura é a morte de um escritor”

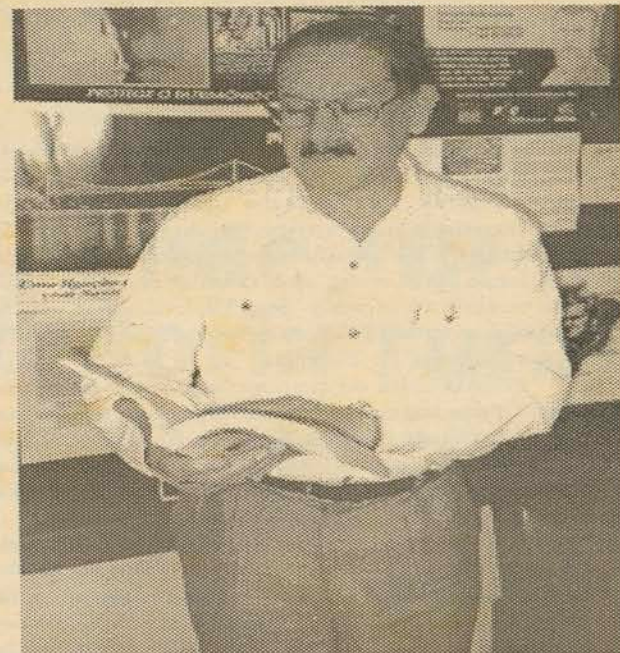
precisa ser vendido, não mais como sujeito de um diálogo, como é a literatura.

LV - Na verdade são reflexos de uma política de globalização ...

Fábio - É, retira a aura da atividade literária que é uma forma especial de produzir e consumir cultura. Precisamos cultivar a literatura mais uma vez.

Assim você não precisaria de tantos hospitais e principalmente, acabaria com a indústria da política porque seria formada uma massa crítica, onde as pessoas poderiam decidir com a sua opinião e não com as suas necessidades.

LV - Já que estamos falando de política, vamos falar de cultura ...



ano que vem?

Fábio - A gente deve sempre esperar que haja mudança porque a situação não é boa e o atual governo não se diferencia muito dos outros. É uma elite que está conectada com a elite internacional e por isso mesmo aqui é uma espécie de área de dominação de um grupo. Eu acho que um candidato que se propuser, com efetiva vontade de mudança nesse sentido eu abraçarei sua candidatura, desde

que tenha uma proposta e o apoio de um grupo diferente. A cada ano, todos os candidatos prometem, mas se conhecemos quem os apoia já sabemos perfeitamente que não sairá do discurso.

LV - Os eletricitários de SC iniciaram uma Campanha contra a Privatização. Então, qual é a sua posição com relação a isso?

Fábio - O processo de privatização do Brasil é uma estratégia do capital internacional para tomar a essência do país, avançar sobre isso sem ter que pagar muito, numa espécie de doação. A Vale do Rio Doce, por exemplo foi uma doação vexaminosa, uma empresa que está ligada diretamente ao destino e ao futuro do Brasil, já que é o país com as maiores reservas minerais do mundo, que pode atender a humanidade por 400 anos. Entregando-a a uma empresa internacional, parte da nossa soberania está ameaçada. E ao mesmo tempo o dinheiro que entrou não trouxe nenhuma folga para o Brasil e a prova é que nós estamos num estado de falência. Então, a privatização é uma mensagem vazia.